

Emblemas — uma categoria de comportamentos não verbais(*)

PEDRO M. LEVY (**)

As expressões faciais, movimentos do corpo, gestos, inflexões e intonações da voz, componentes do processo de comunicação, foram objecto de múltiplos estudos. Os primeiros estudos tinham perspectivas e objectivos variados, não dispunham de metodologias sólidas e utilizaram terminologias muito diferentes.

Alguns investigadores, utilizando um modelo biológico, evolucionista, encontraram comportamentos universais, transculturais. Outros, numa perspectiva cultural, relativista, encontraram movimentos próprios de cada indivíduo, grupo ou cultura. Estes trabalhos tiveram o mérito de revelar a diversidade e multiplicidade dos comportamentos não verbais.

Tornando-se assim possível definir diversas categorias de comportamentos não verbais, Paul Ekman e Wallace Friesen iniciaram, ainda na década de sessenta, o seu estudo sistemático. Formularam então um quadro teórico em que diferentes tipos de comportamentos não verbais se podem distinguir ao nível da origem — como é que um comportamento se integra no repertório do indivíduo — da codificação — relação entre o movimento e o que ele significa — e da utilização — circunstâncias em que ocorrem (Ekman e Friesen, 1969).

Apresentaram então as seguintes categorias:

1. *Emblemas* — movimentos que têm um significado verbal preciso.
2. *Sinais de conversação* (ilustradores) — movimentos produzidos em simultâneo com o discurso verbal e que ilustram, de algum modo, o que se diz.
3. *Reguladores* — movimentos que têm como função manter e regular o fluxo do discurso.
4. *Manipuladores* — movimentos em que uma região do corpo toca, de algum modo, noutra. Estão incluídos no grande grupo das Actividades Derivadas⁽¹⁾ e reflectem os grandes comportamentos instintivos da espécie (Vieira, 1983): *alimentar* — roer, lambeo, chu-

(*) Os desenhos apresentados neste artigo são da autoria de E. Guapo de Almeida.

(**) Médico dos Hospitais Cívicos de Lisboa, Internato Geral de Medicina.

(1) As actividades derivadas compreendem: actividades de deslocamento, movimentos de intenção, actividade em vazio.

par; *cuidados com a pele, seus anexos e vestuário* — alisar o cabelo, coçar a pele, catar, fazer festas, etc.; *hípnico* — bocejar, espreguiçar; *reprodutivo* — masturbação; *agonístico* — estalar as articulações dos dedos, cerrar os punhos e os dentes; *lúdico* — brincar com anéis e pulseiras, etc.

5. *Expressões emocionais* — movimentos, especialmente faciais, que representam as emoções.

O presente trabalho versa os Emblemas e as suas características distintivas das outras categorias de comportamentos não verbais.

David Efferon, em 1941, denominou Emblemas todos os movimentos faciais-gestuais simbólicos, com um significado verbal preciso e que eram característicos de cada cultura. Elaborou mesmo o glossário de Emblemas de uma população Siciliana emigrante nos E. U. A..

Mais tarde, Saitz e Cervenka, em 1962 e 1973, estudaram o mesmo tipo de movimentos — utilizando no entanto outro termo — numa população Americana e Colombiana.

Finalmente Ekman e Friesen (1972) deram a seguinte definição de Emblemas:

— Emblemas são movimentos não verbais que têm um significado verbal preciso, consistindo normalmente numa ou duas palavras ou numa frase. O seu significado é conhecido por todos ou pela maioria dos indivíduos de uma cultura, sub-cultura ou grupo. São quase sempre produzidos voluntariamente e com a intenção de enviar uma mensagem específica para outros indivíduos. O receptor do Emblema reconhece, normalmente, que este lhe foi deliberadamente enviado. Outra característica dos Emblemas é a possibilidade de serem substituídos por uma palavra ou frase, sem que se modifique o diálogo.

Exemplo de Emblema — Fig. 1.

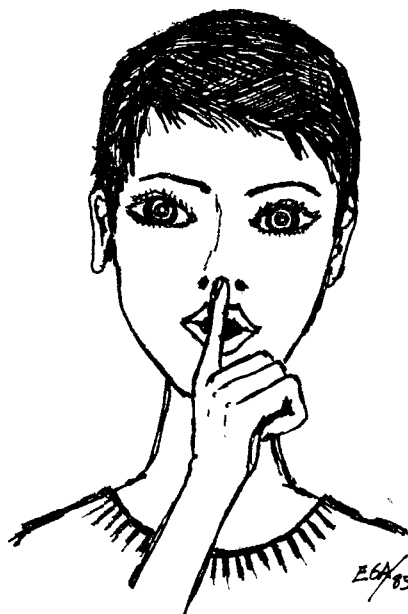


Fig. 1

Utilização, Origem e Codificação dos Emblemas

Os Emblemas são produzidos em múltiplas circunstâncias. Podem existir, substituindo o discurso verbal, quando: 1) não é possível utilizar a palavra, ex: locais muito ruidosos; indivíduos a grande distância; deficiências sensoriais — os surdo-mudos utilizam uma linguagem de características embleáticas; indivíduos que não falam a mesma língua. 2) podendo utilizar a palavra, se opta pela comunicação embleática, quer para não se ser ouvido — ex: caçadores no encalço de uma presa, alunos numa aula, reuniões, cerimónias, etc. — quer por acordo dos intervenientes — ex: comunicação entre militares, jogos, desportos, certas respostas.

Os Emblemas são também produzidos durante a comunicação verbal. São exibidos com frequência no início, no fim ou numa pausa de uma intervenção. Ao longo do discurso, um Emblema pode substituir a palavra a que se refere e de algum modo comentar — ou mesmo contradizer — o que se

afirma. Muitas vezes, o Emblema repete e dá ênfase ao que se diz, sendo então produzido, preferencialmente, antes ou em simultâneo com o que se diz mas muito raramente depois da palavra respectiva (Ekman, 1976).

Assim, é frequente, ao cumprimentar alguém, dizer uma frase — «bom dia» — e, simultaneamente, produzir um Emblema — «aceno de cabeça»⁽²⁾.

O Emblema «encolher os ombros», estudado por Ekman (1974, 1977) — Fig. 2 — é produzido preferencialmente, no início das respostas e a sua localização menos frequente é nas pausas do discurso.

Coloca-se, assim, a hipótese ainda não estudada, de que cada Emblema tenha uma localização preferencial, relativamente ao discurso verbal.

A possibilidade que os Emblemas têm de substituir as palavras é um dos elementos que os distingue dos sinais de conversação, que, por não terem um significado preciso, não a podem substituir. Assim, os sinais de conversação só podem ser produzidos enquanto se discorre verbalmente e, como os Emblemas, repetem e realçam o sentido da palavra.

Durante o diálogo também o auditor pode produzir diversos movimentos — respostas do auditor — (Ekman, 1979). Alguns destes movimentos são verdadeiros Emblemas, como os acenos de cabeça, significando «Sim» ou «Não» ou vocalizações equivalentes a «Sim», como «Humhum». Os Emblemas são, então, utilizados com a função de regular e manter o fluxo do discurso, ser-

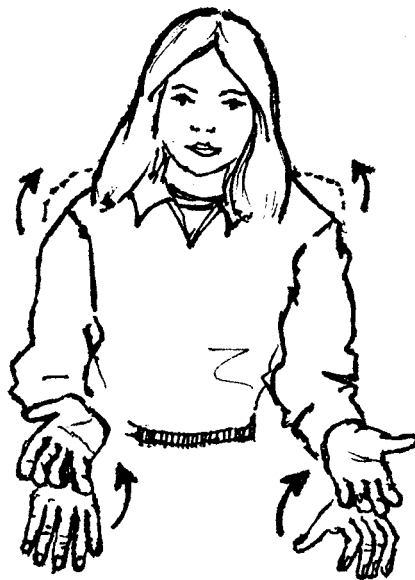


Fig. 2

vindo assim de Reguladores⁽³⁾ e exibindo-se preferencialmente, nas pausas e no fim de cada frase.

No entanto, muitas das respostas do auditor, não são Emblemas e fazem parte de outras categorias de comportamento não verbais. O indivíduo pode emocionar-se perante o relato e expressa mimicamente essa emoção — expressão emocional; o indivíduo que deseja interromper o outro e tomar a sua vez, produz uma série de movimentos peri-bucais e sons respiratórios que refletem essa intenção — movimentos de intenção; o indivíduo encontra-se sob tensão e

(2) No entanto, em certas situações menos claras, mas nem por isso menos comuns, optamos apenas pelo cumprimento ou despedida Embleática; ex: quando nos cruzamos com alguém com quem não queremos dialogar ou nos sentimos pouco à vontade.

(3) Os reguladores definem-se, sobretudo, pela sua função. Assim, tanto os Emblemas e os sinais de conversação, como os manipuladores e as expressões emocionais, podem ser utilizados como reguladores. São caracteristicamente reguladores certos movimentos do olhar e das sobrancelhas, movimentos de cabeça, requebros posturais, expressões faciais, etc. (Ekman, 1969, 1978), que de certa maneira assinalam concordância, discordância, estranheza, dúvida, incitamento ou o desejo de interromper o interlocutor.

roi as unhas, coça a cabeça, etc. — manipuladores.

Tal como a palavra, a produção de um Emblema é um acto inteiramente dependente da vontade. O indivíduo que deseja comunicar algo a alguém e opta pela comunicação emblemática é capaz, a qualquer momento, de recordar o que executou, como se fossem palavras. Esta característica é outro dos elementos distintivos desta categoria de comportamentos não verbais (Ekman, 1977). Os sinais de conversação, os manipuladores e as expressões emocionais apresentam-se segundo uma ordem decrescente de dependência da vontade (Vieira, 1983). Em relação aos sinais de conversação, o indivíduo é capaz de recordar que fez algum movimento, mas nem sempre recorda com precisão que movimentos produziu. Relativamente aos manipuladores, o seu emissor não recorda, muitas vezes, que os produziu.

Na comunicação por Emblemas encontramos «lapsos emblemáticos» análogos aos «lapsos verbais». Assim, em certas situações de conflito intenso, verificou-se a produção de Emblemas com significado de ameaça ou obscenos, sem que o autor se recordasse de os ter executado (Ekman, 1977).

Para Ekman (1975, 1979), uma outra característica fundamental dos Emblemas seria a possibilidade de serem correctamente descodificados, mesmo quando vistos fora do contexto em que são emitidos. No entanto o contexto, se não altera o significado de um Emblema, pode influenciar a interpretação do mesmo. Ao falar de contexto, referimo-nos não só ao discurso verbal que precede, acompanha ou segue o Emblema, como também ao tom de voz, inflexões e modulações desta movimentos do corpo, especialmente faciais e ao tipo de relação dos intervenientes. Todos eles podem modificar substancialmente a interpretação de um Emblema. Assim, um Emblema insultuoso ou ameaçador, se acompanhado por um «sor-

riso» ou por outro Emblema, pode ser tomado como um «gracejo».

As características acima referidas fazem dos Emblemas a categoria de comportamentos Não Verbais que mais se aproxima da linguagem verbal, produzindo-se, como esta, só na presença de alguém ou então num contexto alucinatório. Os manipuladores raramente são produzidos por quem discursa e, quando exibidos pelos auditores, apresentam-se fragmentados, reduzidos e não há, normalmente, finalização do comportamento envolvido, limitando-se muitas vezes a «movimentos de intenção». Ex.: a mão dirige-se à cabeça e toca apenas nesta não chegando, portanto a coçá-la; o dedo aproxima-se do nariz ou do ouvido mas não chega a ser introduzido nestes orifícios. A sua expressão máxima ocorre principalmente quando o indivíduo se encontra sozinho.

Os manipuladores não são produzidos nem reconhecidos como tentativas deliberadas de enviar uma mensagem específica.

É de salientar que, ao nível da utilização, a distinção entre as várias categorias de comportamento não verbais, nem sempre é muito clara, parecendo existir não só um vasto campo de intersecção, como também a possibilidade de um gesto transitar de categoria.

Os Emblemas são integrados no léxico comportamental dos indivíduos, como a linguagem, através da aprendizagem e da experiência dos sujeitos no seu meio cultural. Ex.: os Emblemas de suicídio apresentam características decorrentes dos instrumentos e processos que cada cultura utiliza: na Nova Guiné — mão que envolve o pescoço simulando o enforcamento; no Japão — punho fechado descrevendo o movimento de «hara-kiri»; na América do Norte — mão, simulando uma pistola, dirigida à têtora.

Dependentes da aprendizagem e da cultura estão também os sinais de conversação e os reguladores.

Os manipuladores, apesar da sua raiz biológica, são modulados pela aprendizagem e pela cultura, determinando estas os limites, a expressividade e as situações em que são exibidos.

Para as expressões faciais de certas emoções — medo, surpresa, fúria, tristeza, repugnância e satisfação — parece haver uma base filogenética e daí a sua universalidade (Ekman, 1979). No entanto, também neste caso a cultura e o indivíduo podem modular a expressividade da emoção, mas se esta for muito profunda, o indivíduo deixa de controlar a sua própria expressão, assumindo esta então as suas características universais (Vieira, 1983).

Effron afirmou que todos os Emblemas eram codificados iconicamente — o movimento assemelha-se de algum modo ao que significa. Ex.: Fig. 3, o movimento apresenta íntimas relações configuracionais com o estado hipnótico, assim o significado «dormir», «ter sono» é-lhe atribuído normalmente em múltiplas culturas.

As pantomimas também são codificadas iconicamente, mas distinguem-se normalmente dos Emblemas por estes serem mais abreviados e estilizados. Um Emblema é um gesto utilizado habitualmente, enquanto que a pantomina é produzida em situações muito particulares, nomeadamente em jogos, e representações teatrais.

Verifica-se afinal que muitos Emblemas, senão a maioria, são codificados arbitrariamente — o movimento não apresenta qualquer semelhança visual com o que ele significa. Ex.: Fig. 4 — a este gesto é atribuído normalmente o significado de «aprovação» ou «O.K.», mas do movimento em si, não é dedutível o sentido de «aprovação». Os Emblemas apresentados nas Figs. 1, 2 e 5 são também codificados arbitrariamente.

HISTÓRIA DOS EMBLEMAS

Na perspectiva da etologia cultural parece possível traçar a «história natural» de



Fig. 3

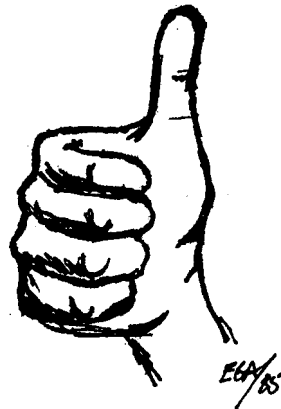


Fig. 4

cada Emblema. Esta tarefa requer, não só a colaboração de diversas áreas — história, linguística, antropologia — mas também, a recolha e estudo de distribuição dos Emblemas em grandes regiões do globo. No entanto, podem levantar-se algumas pistas.

De um modo geral, qualquer movimento das diversas categorias de comportamentos não verbais pode dar origem a um Em-



Fig. 5

blema, através de um processo evolutivo, por vezes, semelhante à ritualização.

Num contexto de apaziguamento, são exemplo disso, certos cumprimentos como o «baixar a cabeça» que, reflectindo um movimento de intenção de reduzir a estatura, foi ritualizado culturalmente (Vieira, 1983) e é hoje um Emblema em múltiplos grupos.

Outros Emblemas podem ter a sua origem quer nos sinais de conversação, quer nos manipuladores, desde que estes movimentos sejam associados a situações cada vez mais precisas, adquirindo o estatuto de Emblemas quando a sua produção for voluntária e tiver o objectivo de comunicar algo que é possível verbalizar.

A expressão facial de uma emoção pode também ser a base que uma cultura utiliza para a sua representação emblemática. O Emblema diferencia-se, normalmente, da expressão genuína, pela duração, extensão e parcialidade dos movimentos faciais. Cabe aos indivíduos e às culturas escolher os

elementos de cada expressão emocional, aos quais atribuem significado emblemático. Assim, da expressão facial de surpresa — elevação das sobrancelhas e maxilar inferior descaído, entreabrindo a boca — apenas um destes movimentos servirá para designar emblematicamente esta emoção.

Alguns Emblemas surgem num contexto cultural determinado e reflectem actividades específicas de uma cultura ou a utilização de certos instrumentos com fins precisos próprios da cultura. Ex.: Emblemas representando «suicídio» atrás referidos.

ASPECTOS TRANS-CULTURAIS DOS EMBLEMAS

Os estudos efectuados em diferentes culturas têm revelado que quase todas as regiões do corpo estão envolvidas na produção de Emblemas — face, olhos, mãos, postura, membros inferiores — sendo no entanto, as mãos e a face os mais frequentemente envolvidos, quer individualmente, quer em interacção (ou seja, as mãos aproximam-se ou tocam de algum modo a face). É aqui da maior importância, a localização e o movimento do gesto em relação ao corpo. Assim, o indicador estendido, se dirigido aos lábios, como na Fig. 1, significa «silêncio», mas se for dirigido à têmpora ou à frente com um movimento de rotação, caracteriza mentalmente o indivíduo.

Outros Emblemas são constituídos por diversos movimentos, produzidos simultaneamente por regiões diferentes — Emblemas compostos. Estes Emblemas, uma minoria, têm sido divididos em dois grupos: 1) os elementos constituintes são Emblemas em si com significado igual ao do todo. Ex.: o Emblema «encolher os ombros» Fig. 2 — é constituído pelos movimentos simultâneos de elevação dos ombros, rotação das mãos e descida das comissuras labiais. Qualquer destes elementos, se executado individualmente, tem significado igual ao do todo;

2) os elementos são Emblemas com significados diferentes entre si — muito frequentes no Irão.

Há Emblemas que são acompanhados por vocalizações ou palavras. Por exemplo: quando nos referimos a uma situação complicada ou embaraçosa, podemos produzir um Emblema em que sacudimos uma das mãos como se nos tivéssemos queimado e dizemos, simultaneamente, «safa» — correlato verbal.

Alguns correlatos verbais têm verdadeiro valor emblemático e podem, portanto, ser ditos sem qualquer movimento acompanhante — equivalentes verbais dos Emblemas. Ex.: o Emblema para «inveja» — a face anterior de uma mão roça de um modo característico no cotovelo do outro braço — pode ser acompanhado pela frase «dor de cotovelo», mas é comum pronunciar esta frase sem o respectivo gesto e isso não impede a compreensão da mensagem.

Verifica-se também que muitos Emblemas — especialmente os executados pelas mãos — são acompanhados por certos movimentos faciais que representam as emoções sentidas enquanto se produz o Emblema — correlatos emocionais dos Emblemas — e que, fazendo parte do contexto, são a chave para a interpretação do mesmo.

As culturas variam no número total de Emblemas que possuem. São mais de 250 para os israelitas e não ultrapassam a centena para os americanos de classe média, segundo Ekman (1977).

Apesar de não se terem encontrado Emblemas — gestos iguais com significados iguais — têm-se visto gestos que, descrevendo actividades e funções comuns a todos os indivíduos da espécie humana, apresentam, por razões anatómicas, semelhanças transculturais muito significativas. São exemplos os Emblemas relacionados com a alimentação — fome ou saciedade — pois quase todos envolvem uma mão que se aproxima ou toca na boca ou no epigastro; também os Emblemas relacionados com os estados

hípnicos apresentam características transculturais, dedutíveis da Fig. 3: pálpebras descidas, cabeça inclinada lateralmente e mãos coladas sob a face. Constata-se que a maioria dos Emblemas de características universais são, como os exemplos acima referidos, codificados iconicamente.

Verifica-se que o tipo de informação normalmente veiculada pelos Emblemas apresenta semelhanças entre as diversas culturas e que eles designam, nomeadamente: respostas — «sim», «não», «não sei»; — cumprimentos, despedidas, ameaças, insultos, ordens interpessoais — «vai», «vem»; características físicas e sexuais, estados afectivos — alegre, zangado — e físicos — dor, cansaço; sinais de protecção; qualificações — «bom», «O.K.», «mau».

Desmond Morris (1979), num estudo de 20 Emblemas em 40 regiões da Europa, tentou definir os seus significados, distribuição geográfica e história. Determinou, assim, claramente, a existência de Emblemas idênticos na sua configuração e conhecidos por todas as populações da Europa, mas aos quais eram atribuídos significados muito diferentes. Tal é o caso do Emblema da Fig. 5 — que apresentou os seguintes significados: efeminado; aviso; parasita; informador; descrença; protecção; louvor. O significado de «louvor» foi dado apenas pela população portuguesa.

Os Emblemas são característicos de cada cultura ou grupo e existem muitos emblemas que surgiram e são utilizados e reconhecidos apenas dentro de grupos mais ou menos restritos da população. Tais grupos compreendem por exemplo: militares, padres, jovens, marginais, desportistas, etc. Também o sexo a que se pertence pode utilizar Emblemas desconhecidos pelo sexo oposto. Assim, em habitantes autóctones da Nova-Guiné, verificou-se que as mulheres utilizam Emblemas relativos à gravidez, ciclo menstrual e comportamento sexual, que são desconhecidos pelos homens (Ekman, 1977).

Cada um dos grupos atrás referidos, possui um léxico emblemático próprio, muitas vezes não conhecido pela restante população. Actualmente com a enorme difusão e penetração dos meios de comunicação, verifica-se que Emblemas originários de determinados grupos ou culturas são conhecidos em regiões muito distantes e nem sempre mantém o significado original.

O conhecimento dos Emblemas é escasso e fragmentário. Levantam-se assim algumas questões.

Como se faz a aprendizagem dos Emblemas? Que relações existem entre a aprendizagem da linguagem e a dos Emblemas? Que tipo de informação é inicialmente codificada, emblematicamente, pela criança? Existem Emblemas tipicamente produzidos entre as crianças ou pelas crianças para os adultos, ou destes para as crianças?

Metodologia para recolha dos Emblemas de uma cultura

Efectuámos a partir de 1983 um trabalho^(*) com o objectivo de recolher todos os Emblemas de uma população universitária portuguesa com idades compreendidas entre os 20 e 23 anos. Utilizámos como base a metodologia definida por Ekman e Friesen (1977). Estes investigadores desejam fazer o levantamento do repertório de Emblemas em múltiplas regiões do globo pelo que esta metodologia já foi aplicada a populações de diversos países — Japão, Índia, Nova-Guiné, Israel, Irão, Grã-Bretanha, E.U.A., Argentina.

Apesar do nosso trabalho ter sido interrompido, por dificuldades técnicas, numa fase exploratória, esta permitiu-nos introduzir algumas modificações à metodologia de Ekman.

Fases do trabalho:

(*) Trabalho efectuado do âmbito da disciplina de Etologia Humana — Prof. A. B. Vieira — Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Realizado por: M. M. Penteadó, V. Serra, M. J. Soares Lopes, J. Fazenda, P. Levy.

1. Recolha das Representações Emblemáticas (R. E.)

Uma lista de Mensagens Verbais (L.M.V.) é entregue a cada entrevistado. Este, para cada Mensagem Verbal (M. V.), deve produzir uma representação emblemática sempre que a conheça. Esta lista foi elaborada em diferentes culturas pelo que para muitas Mensagens Verbais não existem provavelmente Representações Emblemáticas na nossa cultura. Da lista constam também algumas M.V. que cremos terem Representações Emblemáticas características na cultura portuguesa. Os entrevistados são também convidados a produzir os correlatos verbais dos Emblemas. Esta fase requer um total de 12 a 15 entrevistados.

2. Análise Visual das Representações Emblemáticas

Nesta fase determina-se se as R.E. produzidas pelos entrevistados, para cada M.V. são semelhantes entre si. Avalia-se, finalmente, o número e as características das R.E. para cada M.V..

3. Preparação das R.E. como estímulo

Todas as R.E. que passaram a fase anterior, devem ser produzidas por um único indivíduo — actor — e gravadas em vídeo.

4. Recolha da opinião dos Receptores

A um novo grupo de entrevistados, é exibida a fita vídeo com as R.E. produzidas pelo actor — fase 3. Os entrevistados devem assinalar o significado ou o sentido de cada R.E. e classificá-lo como natural — gesto habitualmente produzido — ou artificial — gesto produzido em jogos ou como pantomina. Esta fase requer um total de 20 entrevistados.

5. Análise da opinião dos receptores

SUMMARY

Nesta fase, Ekman considerou:

Emblema verificado — mais de 70% dos receptores não só atribuíram à R.E. um significado igual ao da L.M.V. como também a classificaram natural.

Emblema provável — mais de 70% dos receptores atribuíram à R.E. um significado igual ao da L.M.V.; apenas entre 50% a 70% dos receptores a classificaram natural.

Emblema ambíguo — apenas 50% a 70% dos receptores atribuíram à R.E. um significado igual ao da L.M.V.; apenas 50% a 70% a classificaram como natural.

Todas as outras R.E. foram rejeitadas e não se consideraram como Emblemas.

Pensamos que os critérios utilizados nesta última fase devem ser cuidadosamente re-
vistas e eventualmente modificados.

O trabalho que desejamos retomar poderá, certamente, elucidar-nos sobre estes aspectos.

RESUMO

As diferentes categorias de Comportamento Não Verbal—Emblemas, sinais de Conversação, Reguladores, Manipuladores, Expressões Emocionais — definidas por Ekman são apresentadas. Os Emblemas são definidos, caracterizados em termos da sua utilização, circunstâncias em que ocorrem, origem, como é que o acto foi incorporado no repertório da pessoa, como é que o acto se tornou um Emblema, e são diferenciados das outras categorias. Apresenta-se uma breve discussão sobre as diferenças e semelhanças entre os Repertórios de Emblemas. Finalmente, apresenta-se uma metodologia para o estudo do Repertório de Emblemas de qualquer cultura.

The different categories of Nonverbal Behavior — Emblems, Conversation Signals, Regulators, Manipulators, Emotional Expressions — defined by Ekman are presented. Emblems are defined, characterized in terms of their usage — circumstances surrounding their occurrence — origin — how the act became part of the person's repertoire — coding — the relation between the act and the meaning — and history — how an act became an Emblem — and distinguished from the other categories. A brief discussion concerning the differences and similarities between the Repertoires of Emblems is made. Finally a methodology for surveying the Repertoire of Emblems of any culture is presented.

BIBLIOGRAFIA

- EKMAN, P. (1976) — «Novemente with precise meaning» — *Journal of Communication* 26, 3.
- EKMAN, P. (1977) — «Biological and Cultural Contributions to Body and Facial Movement» — in: J. Blacking ed., *A. S. A. Monograph 15, The Anthropology of the Body*, 39-84 (Acad. Press.).
- EKMAN, P. (1978) — «Facial Signs: Facts, Fantasies and Possibilities» — in T. Sebeok (ed.) — *Sight, Sound and Sense* (Indiana University Press).
- EKMAN, P. (1979) — «About Brows: emotional and conversational signals» — in: M. von Cranach, K. Foppa, W. Lepenies, & D. Bloog, eds., *Human Ethology: clims and limits of a new discipline*, 169-202, Cambridge (Cambridge Univ. Press) & Paris (Editions de la Maison des Sciences de L'Homme).
- EKMAN, P. FRIESEN, W. (1969) — «The Repertoire of Nonverbal Behavior: categories, origins and usage and coding», *Semiotically* — (1), 49-98.
- EKMAN P., FRIESEN W. (1972) — «Hand Movements», *Journal of Communication* 22, 353-374.
- EKMAN P., FRIESEN W.; (1974) — «Nonverbal Behaviour and Psychopathology», in R. J. Friedman & M. M. Katz (eds), *The Psychology*

- of Depression: Contemporary Theory and Research*, Winston y Sons.
- EKMAN P., FRIESEN W. (1977) — *Manual for Surveying the Repertoire of Emblems Human Interaction Laboratory*, University of California, San Francisco.
- MORRIS D. (1981) — *Os Gestos, suas origens e significado*; Estudos e Documentos 173, Publicações Europa América, Lisboa.
- VIEIRA, A. B. (1983) — *Etologia e Ciências Humanas*, Estudos Gerais — Série Universitária, Imprensa Nacional — Casa da Moeda, Lisboa.